

A filosofia de J.-P. Sartre na construção de uma epistemologia política

Breno Messano Braga

Doutorando na PUC-Rio

<http://lattes.cnpq.br/8950273172844242>

brbraga100@gmail.com

65

É perceptível a resistência entre teóricos sociais contemporâneos de avaliarem as teorias de justificação de modo a que se chegue à verdade. Os debates acerca do aquecimento global, dos efeitos do livre comércio sobre os pobres, da capacidade das mulheres de fazerem matemática e ciência são exemplos de debates atravessados por essa imprecisão epistemológica. Alcoff (2016) defende a necessidade de se desenvolver um projeto epistemológico decolonial e reconstrutivista afastado de domínios que ignoram a identidade e a localização dos sujeitos de conhecimento. Para tal, faz-se necessária uma epistemologia política. Seu desenvolvimento deve se dar na medida em que, conforme nos indica Sartre (2002), resgatamos o poder heurístico da metodologia dialética. A análise não essencialista das identidades é importante ferramenta epistêmica pois aponta que as experiências existenciais em diferentes localizações são distintas, o que dá recursos para o movimento regressivo da dialética que deve partir do concreto, da práxis individual.

Realizaremos uma revisão conceitual e teórica a partir da fenomenologia crítica, focando na intersubjetividade transcendental em detrimento da subjetividade transcendental e revisaremos as dinâmicas de distribuições de autoridades, que promovem a valorização de determinados lugares, processos e metodologias em detrimento de outras. Buscamos criar condições para a construção de uma teoria social crítica, tecendo uma crítica radical do processo de legitimação do conhecimento.

Investigaremos as formas em que uma multiplicidade de pessoas produz uma práxis através de uma multiplicidade de totalizações. Buscaremos o fio que liga a práxis individual aos conjuntos humanos e indagaremos como o agente individual penetra nas diversas coletividades. Para tal, devemos compreender os processos de transformação da práxis, da série aos grupos e dos grupos à série, ou seja, o processo de engajamento de

um coletivo e criação de uma identidade compartilhada, bem como seu retorno ao isolamento e incoesão.

Para tal, defendemos que as noções de série, prático-inerte e exterocondicionamento desenvolvidas por Jean-Paul Sartre na obra *Crítica da Razão Dialética* podem contribuir no desenvolvimento de uma epistemologia política, pois auxiliam na compreensão da dialética entre sujeito e objeto, mostrando que as instituições e os objetos materiais, ao mesmo tempo que são criações humanas, passam a reificar as relações sociais e a perpetuar certas formas de opressão ou alienação (LAING, 1976). Assim, mantêm uma "inércia", resistindo às tentativas de transformação, ainda que tenham sido gerados pela ação prática.

Palavras-chave: Epistemologia. Fenomenologia. Grupos. Crítica. Política. Serialidade.

Bibliografia

ALCOFF, L. M. Uma Epistemologia Para A Próxima Revolução. *Revista sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 129-143, Jan/Abr. 2016. DOI: 10.1590/S0102-69922016000100007

LAING, R. D. Crítica da Razão Dialética. In: COOPER, D. G.; LAING, R. D. *Razão e Violência*. Petrópolis: Editora Vozes, 1976. p. 64-124.

SARTRE, J.-P. *Crítica da Razão Dialética*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.